

NHAMAPAZA: Negócio de sexo que envolve crianças

13 Dezembro 2016



NHAMAPAZA, distrito de Maríngué, província de Sofala, está a registar um número crescente de mulheres na actividade sexual. Idas de diversos pontos de Moçambique e de países vizinhos, as trabalhadoras do sexo afluem à zona estimuladas pelo movimento de camionistas que lá pernoitam, à espera da partida da escolta militar.

Trata-se de um “negócio” que tem as crianças como mediadoras entre os camionistas e as mulheres que praticam esta actividade.

Um aspecto particular desta actividade é o envolvimento de crianças que agem como intermediárias, entre as trabalhadoras de sexo e os seus clientes, nomeadamente, transmitindo aos dois lados as condições do negócio.

Desde 2014 que o país vive num clima de violência e instabilidade política provocada pela Renamo, que se recusa a aceitar os resultados das eleições gerais e presidenciais realizadas em Outubro. Como forma de apoiar a sua contestação e pressionar o Governo a atender às suas pretensões, o partido de Afonso Dhlakama deu início a uma série de ataques militares, principalmente nas zonas centro e norte do país.

O clima de insegurança que desde então se instalou ao longo das principais estradas do país determinou a criação de escoltas militares que garantem a circulação segura de pessoas e bens, nomeadamente entre os troços de maior risco, como os de Caia-Nhamapaza, Save-Muxúngue, na província de Sofala, e Catandica-Vandúzi e Vandúzi-Changara, na província de Tete.

Devido à escolta militar, estão estabelecidas horas fixas para a travessia de um ponto para outro, sob o risco de sofrer uma emboscada, caso circule sem protecção. O tempo de espera da partida da escolta militar provoca a aglomeração, por longas horas, de camionistas e de outros viajantes nos pontos de concentração, onde imediatamente emergem pequenos negócios, desde a confecção e venda de alimentos, até ao comércio do sexo.

Este é o caso de Nhamapaza, uma pacata localidade rural do distrito de Maríngue. Considerando tratar-se de um dos efeitos colaterais do conflito político-militar, uma equipa de pesquisa do SEKELEKANI fez-se ao local, onde encontrou uma aldeia rural que, sendo calma durante o dia, ela torna-se deveras agitada e com sons ensurdecedores de música tocada caoticamente em diferentes barracas, onde a escuridão da noite é desafiada por geradores eléctricos e lanternas das mais diversas potências e origens de fabrico.



Se durante o dia Nhamapanza é uma localidade calma e sossegada, já logo ao cair da noite ela muda de identidade: iluminada por geradores e lanternas, ela torna-se muito agitada e devassa. Enquanto de um lado há mulheres preparando e vendendo alimentos a camionistas e outros viajantes, há, de outro lado, outras transaccionando o seu corpo. Dentre estas meninas, de idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, umas são provenientes das cidades da Beira e Chimoio, bem como de Caia, Inchope, Gorongosa, Nhaminga, Mafambisse, Sussundenga e outras do vizinho Zimbabwe.

O comércio de sexo tem como principais clientes camionistas de longo curso, que pernoitam no local, à espera da protecção da escola militar, que os acompanha até Caia. No período de espera, estes entram em contacto com as suas potenciais trabalhadoras de sexo e discutem os preços dos

seus serviços por intermédio de crianças, às quais pagam, pelos “bons ofícios”, valores entre os 30 e 50 meticais.

Além da sua nefasta exposição a uma actividade moralmente condenável, a pior consequência do envolvimento de crianças é a irregularidade na frequência escolar, que pode culminar com o abandono definitivo da frequência à escola.

NO “COMBOIO” DO SEXO COMERCIAL

Devido à movimentação permanente de forças policiais e do Exército, a equipa de pesquisa do SEKELEKANI teve de se camuflar, como potencial cliente, a fim de poder penetrar o mais profundo possível naquela realidade.

As meninas de sexo desenvolvem as suas actividades em quartos alinhados em forma de comboio, sendo por isso que este edifício, de 16 quartos, é localmente designado por “comboio”. Os quartos do “comboio” são arrendados por 100 a 500 meticais por dia ou por mês, respectivamente. O proprietário do estabelecimento, ainda em construção, conta que numa primeira fase o objectivo era arrendar os quartos a professores primários locais e a outras pessoas singulares que por ali passassem, uma vez que Nhamapaza é um corredor rodoviário. Facto digno de nota é que algumas meninas, mães solteiras ou divorciadas, vivem no comboio com seus filhos menores.

LONGE DE CASA...NÃO HÁ VERGONHA



SEGUNDO relatos da população de Nhamapaza, o negócio de sexo existe há já bastante tempo; porém ele ganhou maiores proporções nestes “últimos tempos”, devido à concentração de camionistas e de outros viajantes, à espera da partida da escolta militar. A notícia do novo

“acampamento” cedo chegou a diversas regiões do centro-norte do país, mobilizando as dezenas de meninas agora acomodadas no “comboio”. Ainda segundo os mesmos relatos, não se conhecem mulheres locais desenvolvendo esta actividade, devido ao medo de condenação pública por familiares e conhecidos.

A equipa do SEKELEKANI conversou com algumas destas trabalhadoras de sexo, e nos trechos que se seguem todas elas vão ser identificadas através de nomes fictícios.

Joana, proveniente de Sussundenga, na província de Manica, conta que chegou a Nhamapaza no ano passado. Questionada sobre a razão da saída da sua zona de origem, ela explica que “lá não tinha movimento, enquanto aqui o negócio está bom. Além do mais, em Sussundenga tinha que me esconder por causa da minha família”. Joana exerce esta actividade com a sua filha menor e assegura que poderá regressar a Sussundenga assim que cessar a actividade da escolta militar. “Estou com a minha filha, vou com ela para o camião. Se for para ir passar toda noite deixo ela aqui sozinha. Quando terminar a escolta, só irei ficar mais dois meses”.

Tal como a Joana, outras meninas afirmam que a localização de Nhamapaza, distante das suas famílias e de demais pessoas que as conheçam, é uma condição favorável à prática desta actividade.

“Eu sou de Inhaminga, estou aqui desde 2014. Vim parar aqui porque queria viver livre, aqui ninguém está a controlar a minha vida”, diz ela.

O pico do movimento regista-se a partir das 22 horas, altura em que já sem qualquer receio as meninas saem do “comboio” e vão até à estrada, onde se encontram os seus potenciais clientes. Cada programa tem o seu preço: se o encontro ocorrer dentro do camião o preço varia de 100 a 150 meticais; se ocorrer nos seus quartos, passa para 200 meticais, podendo atingir entre 500 e 700 meticais se o cliente pretender pernoitar.

Ana, recém-chegada de Nampula e mãe de uma menina de um ano, afirma que chega a receber até seis clientes por noite. Ela diz ter-se desentendido com o pai da criança e, para fugir dele e da sua família, refugiou-se em Nhamapaza. “Quando estou com um cliente, a minha filha fica comigo, mas quando ela acorda, pago a alguém para tomar conta dela. Fugi do pai da criança porque ele queria me separar da minha filha por causa do meu trabalho”.

CRIANÇAS INTERMEDIÁRIAS



NO meio do vai-e-vem de camionistas e de muitas mulheres constata-se um número acentuado de crianças que se fazem à estrada. Elas geralmente circulam em grupos de 3 a 4. Aparentemente são crianças que ali estão vendendo água, amendoim, espetadas de carne diversa, entre outros produtos. Contudo, na realidade servem de intermediários no negócio de sexo.

São crianças de idades compreendidas entre 10 e 15 anos, que após o período das aulas fazem este trabalho, fora do conhecimento dos pais, e a razão é simples: “queremos comprar telefone, roupas, comer espetadas. O dinheiro que recebemos aqui é para nós; não o levamos para casa”, diz um dos meninos integrantes do grupo.

A mediação das crianças consiste no seguinte: uma vez tendo recebido de um camionista a descrição das características físicas da menina por este preferida, elas vão à sua procura, no “comboio”. Segundo afirmam, nesta actividade, elas chegam a ganhar entre 100 e 200 meticais por dia.

“Comecei aos 7 anos a identificar meninas para camionistas. Quando um “boss” diz que precisa de uma mulher, eu vou chamar, e ele me paga 30 ou 50 meticais pelo serviço. Esse negócio é de muito tempo, mas aumentou por causa da coluna”, diz um menino intermediário.

As crianças conhecem muito bem as meninas do "comboio", incluindo as que tenham alguma infecção ou doença. “Há outras que têm doenças e nós conhecemos quem tem e quem não tem. Quando o cliente diz que gostou de uma, que nós sabemos ter doença, nós informamos. Porque conhecemos todas elas”.

No local existem também crianças que vendem remédios tradicionais, que dizem ser eficientes para proteger quem mantenha relações sexuais com uma mulher em período menstrual ou para evitar dores da coluna, além de estimulantes sexuais masculinos.

O envolvimento de crianças nesta actividade tem produzido efeitos negativos no seu processo educativo. “A coluna (militar) está a afectar o desempenho dos alunos. Tal tem-se verificado a partir da quinta classe”. Salientou Mateus Limpo, director pedagógico da EPC de Nhamapaza.

PREVENÇÃO DE INFECCÕES DE TRANSMISSÃO SEXUAL



PARA acautelar riscos de saúde, nomeadamente o perigo da proliferação de infecções de transmissão sexual (ITS) em Nhamapaza, as autoridades da Saúde instalaram no local um posto de saúde provisório. Contudo, questionado sobre o nível de seroprevalência na zona, o enfermeiro em serviço disse que o posto não dispõe de condições técnicas para fazer testes de HIV nem para o diagnóstico de qualquer ITS. Segundo este técnico, a sífilis e a gonorreia são as doenças mais diagnosticadas em mulheres dos 15 aos 28 anos. Por mês podem ser diagnosticados entre 7 e 10 casos, porém não existe qualquer medicação no posto.